

PROVÍNCIA AO SUL, 28 DE AGOSTO DE 1885, CINCO DA TARDE.

O Maestro Joaquim José de Mendanha tem a postura curva dos velhos. Sua carapinha é branca. É Mestre de Música da Catedral de Nossa Senhora da Madre de Deus, na Capital da Província mais ao Sul do Império do Brasil. Essa Província meridional faz divisa com os castelhanos. Sob o comando do Maestro Mendanha estão vinte músicos instrumentistas, mais o coral misto, mais o tenor, o barítono, a cantora contralto e a soprano.

Na deserta Praça da Matriz, de pé, apoiado em sua bengala, ele fala a dois jornalistas. Leva sob o braço uma pasta de papelão atada por um nastro azul. É possível entrever que a pasta contém papéis de música. Um dos papéis sai para fora e lê-se: Andante. Contralto.

Ele foi músico toda a vida. Foi mestre de banda militar e compositor sacro e profano. Por seu magistério passaram todos os tocadores de rabeca, viola, órgão, bandolim, violoncelo e percussão da Província. Escreveu cerca de quarenta hinos, patrióticos, ocasionais, festivos. Nos últimos dias sua saúde degrada-se de modo implacável.

Com os olhos embaciados, porém agora altivos, o Maestro Mendanha diz aos jornalistas:

– Agradeço que tenham comparecido ao nosso encontro. Nada tenho a falar. Dentro daquele pacote que os senhores me entregaram veio uma música, mas que neste momento não interessa aos senhores. – Como os jornalistas insistem, ele os interrompe: – Desculpem, estou muito doente. – E dá-lhes as costas.

O Maestro experimenta a presença da morte. Sentiu-a faz alguns dias, instalada e dilatando-se em seu corpo. Se lhe perguntassem, não saberia dizer se é esta tontura ou a náusea angustiada, essa repugnância, ou esses fogos que cruzam por sua retina ou são os pés, que sente presos ao chão. Mais do que o transtorno corporal, é a certeza metafísica de que vive seus últimos instantes. Nada diferente do que aconteceu ao pai, há mais de meio século. Ademais, os velhos morrem em agosto e agosto está no fim.

O Maestro tem pressa de acabar sua última tarefa. E porque deu as costas aos jornalistas e porque pediu que não lhe falassem mais sobre essa música, precisa honrar a si mesmo e seguir em frente.

Os jornalistas vêm-no caminhar em direção à Catedral. Estão perplexos, consternados com a súbita devastação na saúde do Maestro Mendanha. Um deles devolve ao bolso sua caderneta Moleskine, com as folhas presas por seu elástico. Acende o cigarro e diz ao outro “perdemos essa”.

No ano seguinte será inaugurado o primeiro telefone em Porto Alegre. Os cães entram sem obstáculos no Palácio do Governo e coçam-se em pleno salão das audiências. O vento Minuano varre a Praça, situada no cimo do belo promontório que avança e desce até o rio. A luz doce e oblíqua doura as silhuetas. É o último frio da estação. Esse frio e essa luz deixam em todos uma imprecisa nostalgia. É o frio que nos distingue, no Sul. Quando ele nos abandona não sabemos mais quem somos.

O amanuense do Palácio, que chegou ao balcão para espairecer, enxerga-o: o Maestro Mendanha sobe, um a um, os degraus que levam ao adro da Catedral. Ao amanuense ele parece muito pálido, muito doente.

No interior sombrio da Catedral, o velho sacristão está ao lado do guarda-vento. Ele abre o cofre das esmolas. Observa: o Maestro Mendanha faz uma simbólica genuflexão em homenagem ao Santíssimo. Persigna-se e depois vence a íngreme escada que leva ao coro alto, parando a cada dois degraus.

No coro, o Maestro respira para recompor-se. Nos últimos dias tem exigido demais de seu corpo.

Contorna o facistol, passa pelo vistoso órgão com tubos de latão e dirige-se ao pequeno harmônio. A visão do harmônio deixa-o mais sereno. Descansa a bengala a um canto. Põe sobre o harmônio a pasta com as músicas e um pequeno lápis. Senta-se.

Abre o tampo do teclado. Sente o aroma de cola, poeira e coisa antiga. Liberta-se o velho espírito que vive no instrumento.

Cruza mais uma vez por seus olhos o estalar do chicote incandescente. Mendanha baixa as pálpebras. Os fogos estão ali, porém aos poucos perdem o fulgor e ele volta a enxergar. Ele sabe o que esses fogos significam.

Com movimentos alternados dos pés, ele aciona os foles, cujo sopro faz vibrar as palhetas. Seus pés não têm a força necessária para levar os foles até o fundo. O som é inconstante. O Maestro sente seus olhos aquecerem-se pelas lágrimas. Seus dedos descrevem uma trêmula dança sobre as teclas. O corpo do Maestro é uma sombra recortada à luz mortífera da janela.

Trechos iniciais do livro ***Música perdida***,
de Luiz Antonio de Assis Brasil. Porto Alegre: L&PM, 2006.

Ele improvisa, quando deveria completar a instrumentação da partitura para piano que está na pasta. Falta apenas o Finale. Improvisa porque assim preenche a aflição.